

TRANS(LADO): REFLEXÕES SOBRE A ASSISTÊNCIA ÀS PESSOAS TRANS EM AMBULATÓRIOS ESPECIALIZADOS

CASSIAN MARÍN PEREIRA RAMIREZ¹; NATHALIA DUARTE MOURA²; THIAGO DOS SANTOS ALVES³; MÍRIAM CRISTIANE ALVES⁴;

¹Universidade Federal de Pelotas – cassianufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nathimoura18@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul – thiagoalves11@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo refletir e pôr em discussão a patologização/não patologização de identidades e da diversidade humana em serviços especializados de assistência às pessoas trans no Sistema Único de Saúde (SUS). O estudo emerge de uma atividade acadêmica realizada para a disciplina de Psicologia da Saúde: Promoção e Prevenção, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). No contexto desta atividade, foi realizada uma entrevista com uma psicóloga do SUS, trabalhadora de um ambulatório trans em uma cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul. Essa experiência nos suscitou alguns questionamentos: De que modo a realização do tratamento de hormonização sem acompanhamento de saúde é compreendida por profissionais desses serviços especializados? E os saberes Psi, de que modo constroem o cuidado nesses serviços? Qual o nível de discussão sobre a patologização de identidades trans?

As pessoas trans historicamente enfrentam desafios para acessar serviços de saúde essenciais, pois estão expostas a inúmeras violências, violações de direitos, marginalizações e preconceitos por parte da sociedade, dos sistemas normativos, das ciências biomédica e psicológica. Estas, se utilizam de dispositivos e discursos binários de gênero para operar sobre os corpos trans com a intenção de classificar e diagnosticar suas existências como algo patológico, provocando efeitos negativos e agravos significativos em sua saúde física e mental.(GOULART, 2018).

Trata-se de um grupo social vulnerabilizado pelas opressões e violências de raça, gênero e sexualidade, que possuem dificuldades de encontrar serviços que respeitem a suas identidades de gênero e singularidades. Serviços que, muitas vezes, não se encontram preparados para lidar com as demandas específicas da população trans - hormonização, saúde sexual, entre outras - mas também para proporcionar um atendimento integral e humanizado à saúde. Todas essas questões provocam o afastamento de pessoas trans à saúde formal, fazendo com que recorram a alternativas como o uso de hormônios por automedicação, por exemplo (CAUX, 2018).

A potência do estudo está na possibilidade de buscarmos respostas ou novos questionamentos para as perguntas aqui levantadas, abrindo fissuras e caminhos possíveis para ampliarmos essa discussão no curso de Psicologia da UFPeL.

2. METODOLOGIA

Enquanto percurso metodológico, tomamos a experiência de escuta da vivência profissional de um psicóloga trabalhadora de um ambulatório trans, bem como as nossas memórias e vivências enquanto pessoas que conhecem, convivem ou se identificam como uma pessoa trans, como potência para a produção do material empírico deste estudo. Nessa perspectiva, lançamos mão da narrativa ficcional que tem a potência de entrelaçar e agenciar experiências singulares em uma realidade coletiva. A narrativa ficcional oportuniza a análise de uma realidade através da criação de uma ficção pautada na investigação de diversos aspectos relevantes do campo estudado, nesse caso, o campo da saúde trans.

Segundo COSTA (2014) o uso da ficção para problematização de um objeto permite a sua “complexificação”, tornando-o mais denso ao ser analisado além dos limites da escrita dos “dados” dos métodos tradicionais. Ademais, há uma busca por fugir de uma suposta neutralidade na discussão, partindo de uma descrença na possibilidade de existência dessa neutralidade. Sendo assim, essa estratégia de ficcionalização dá às pesquisadoras e pesquisadores novas estratégias de articulação com o campo, abrindo espaços para problematizações para além das capazes de serem realizadas pelos saberes da ciência estrita (COSTA, 2014).

De acordo com EVARISTO (2017), a narrativa nasce a partir da vivência e observação do espaço de existência singular de quem a escreve, caracterizando-se, assim, como um método poderoso, capaz de dissertar sobre e através de vivências que existem para além do saber científico hegemônico tradicional. Deste modo, criamos uma narrativa ficcional pautada em uma realidade discutida por nós, autores e autoras, que fundamentam a pauta da saúde trans no contexto brasileiro.

Salientamos, ainda, que um dos autores deste estudo é um homem trans, usuário de um ambulatório trans, afirmando, portanto, que trata-se de um estudo implicado, situado e encharcado pelo exercício de pesquisar desde dentro da experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa ficcional transita pela trajetória de Gabriel, um homem trans de 24 anos estudante de psicologia que atua como estagiário em um ambulatório trans. O serviço havia iniciado os atendimentos recentemente, mas já almejava tornar-se referência na região ofertando consultas com clínicos gerais, psiquiatras, urologistas e ginecologistas. No decorrer de um dia de atendimento de Gabriel acompanhamos o funcionamento do serviço e algumas das demandas surgidas nos atendimentos.

Estagiário: E aí, Caio. Como posso te ajudar?

Caio: Ouvi falar que aqui eu consigo a prescrição da testosterona e vim correndo... [pausa e risada]

Estagiário: É, a gente faz encaminhamento pros endocrinologistas pra quem tem interesse em fazer o tratamento de hormonioterapia, por exemplo, mas também temos os grupos trans, o atendimento psicológico...

Caio: Ah... é que eu já uso a testosterona, mas compro pela internet. Tem alguns grupos de facebook que vendem. Por isso, quando fiquei sabendo que aqui eu poderia conseguir de graça, eu vim na mesma

hora! Fiquei empolgado com o ambulatório, quando tentei começar o tratamento pela UBS não pareciam muito animados em me atender...

A narrativa ficcional marca a importância de um serviço especializado na saúde das pessoas trans, formado por profissionais capacitados que estejam aptos a informar, orientar e compreender as especificidades das demandas trazidas pelas pessoas que buscam os serviços de saúde trans, de forma a proporcionar um atendimento personalizado compreendendo o que cada pessoa quer e necessita. O trecho da narrativa ficcional também evidencia a questão da automedicação praticada por pessoas trans para realização do tratamento de hormonioterapia. Essa é uma realidade vivenciada por muitas pessoas trans em todo o Brasil.

Segundo CAUX (2018), a violência pela qual as pessoas trans são submetidas no contato com os serviços de saúde é o motivo principal da dificuldade de acesso à saúde formal por essa população, fortalecendo assim a busca pela automedicação. As lacunas no atendimento à saúde de pessoas trans estão relacionadas, por exemplo, ao despreparo técnico de profissionais, patologização da vivência trans e desrespeito à identidade trans (CAUX, 2018). Em vista disso, pode-se estabelecer que essas lacunas limitam as possibilidades de acesso à saúde de pessoas trans e fortalecem uma lógica de desumanização.

Além disso, ainda que hoje a transexualidade não conste na Classificação Internacional de Doenças (CID) como transtorno mental e esteja integrando a classificação como “Incongruências de Gênero”, no capítulo de “condições relacionadas à saúde sexual” (THOMAZI; AVILA; TEIXEIRA, 2022), o fato das identidades trans terem sido, por muitos anos, listadas como “Transtorno de Identidade de Gênero” e/ou “Disforia de Gênero” faz com que o diagnóstico e a psiquiatria adquiram o papel central nos discursos, nas práticas profissionais e nas formas de acesso às instituições de saúde. Tal contexto reforça a ideia de que a cisgeneridade e a heterossexualidade são as únicas formas saudáveis de existir, mantendo a transexualidade ainda sob uma ótica normativa e opressora que não considera essas identidades como uma entre tantas outras formas de vivenciar seu gênero e sexualidade (GOULART, 2018). Assim, os corpos trans são deslocados a uma posição de vulnerabilização em saúde que os expõem a altas taxas de suicídio, homicídios, exclusão social, transfobia, entre outros agravos significativos à saúde.

À vista da posição de protagonismo dos saberes Psi nas questões e demandas que permeiam o campo das identidades sexuais e de gênero, é essencial que se questione e problematize o papel da psicologia nesse contexto de assistência para que a atuação percorra o caminho de não reproduzir lógicas biologicistas que desconsidere as singularidades e marcadores sociais (gênero, raça, orientação sexual, classe) de cada pessoa (GOULART, 2018). Para além da escuta acolhedora é preciso que profissionais de psicologia renovem os seus discursos e ações, de modo a não perpetuar estigmatização e preconceitos orientados pela cisheteronormatividade. Dessa forma, será possível realizar práticas que vão além da psiquiatria, sendo inclusivas e humanizantes para a população trans.

De acordo com SILVA (2017), a humanização dos espaços de saúde trans pode ser atingida a partir do momento que as necessidades e demandas da população passam a ser atendidas pelos profissionais de saúde em sua integridade através de ações como o reconhecimento da identidade de gênero de maneira não-patológica. Sendo assim, torna-se indispensável repensar a atuação

em saúde à população trans para torná-la humanizada, diminuindo as violências sofridas pelas pessoas trans no acesso à saúde no contexto do SUS.

4. CONCLUSÕES

A construção da narrativa ficcional baseada na investigação do espaço da saúde trans possibilitou a exposição de algumas problemáticas e demandas específicas desse campo, viabilizando uma discussão importante sobre temas como ambulatorios trans, automedicação e patologização da identidade trans. A partir dessas discussões não se pretende esgotar as temáticas, e sim originar maneiras de pensar as problemáticas relacionadas ao cuidado de saúde trans no contexto do SUS, trazendo essas questões a um plano central de debate através do método da narrativa ficcional.

Entendemos que, considerando as demandas de saúde expostas através dessa discussão, deve-se lutar para que a integralidade, universalidade e equidade que guiam o SUS sejam utilizadas para pensar o cuidado em saúde trans, promovendo o respeito a vivência trans, a não-patologização da identidade trans e o incentivo à criação de redes de afeto que potencializem o cuidado dessa população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAUX, T. R. de. **O hormônio traz pra realidade todos os nossos sonhos ocultos**: a experiência de mulheres transexuais e travestis com o processo medicamentoso de hormonização. 2018. Dissertação (Mestrado em Medicamentos e Assistência Farmacêutica) - Programa de Pós-Graduação em Medicamentos e Assistência Farmacêutica, Universidade Federal de Minas Gerais.

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

EVARISTO, C. Itaú Cultural. **O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo**, 2017. Acessado em 7 ago. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&ab_channel=Ita%C3%BACultural.

GOULART, V. P. **Psicologia e despatologização da população de pessoas trans e travestis**: repensando as práticas psi. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, D. S. **Existe uma barreira que faz com que as pessoas trans não cheguem lá**: itinerários terapêuticos, necessidades e demandas de saúde de homens trans no município de Salvador – BA. Tese (Mestrado em Saúde Comunitária) - Instituto De Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

THOMAZI, G. L.; AVILA, S.; TEIXEIRA, L. B. Ambulatório T da Atenção Primária à Saúde de Porto Alegre: política pública de inclusão e garantia de direito à saúde de pessoas trans. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 38, 2022. Acessado em 18 ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22302.a>.